

NOSSOS CLÁSSICOS BRASILEIROS

JOSUÉ DE CASTRO

Josué de Castro foi um lutador incansável contra dois males que caminham sempre juntos e juntos por séculos flagelam a humanidade: a fome e a guerra. Sua enorme lucidez vincula fome e guerra a um mundo subordinado a uma esfera de domínio que divide os povos em países desenvolvidos e países subdesenvolvidos. E são irmãs siameses dos problemas da devastação do meio ambiente. Fome, guerra e desorganização ambiental são os frutos interligados de um período da história - a história da “economia de domínio” - marcado pelo desenvolvimento de uns poucos à custa do subdesenvolvimento de quase todos.

Este entrelaçamento causal que liga fome, guerra e destruição ambiental a um processo histórico de desenvolvimento do subdesenvolvimento é o tema do texto que o leitor vai ler, um pequeno retrato da obra e atitudes daquele que foi o primeiro a colocar a geografia na agenda dos povos, dentre todos quantos acreditam que a ciência tem um papel mais nobre na terra que servir aos bombardeios das cidades e dos campos, ontem do Vietnã e hoje do Iraque, destruindo os meios de vida e comunhão entre os homens.

Com Josué de Castro, a geografia nunca foi o saber escolar e ingênuo, denunciado por Lacoste em seu *A Geografia — Isto Serve, em Primeiro Lugar Para Fazer a Guerra*, de 1976. Pois já bem antes Josué de Castro transbordara a geografia dos muros das escolas, para colocá-la como um poderoso instrumento de compreensão e transformação do mundo nas mãos do homem comum, valorizando-a na rua tanto quanto na sala-de-aula como uma ciência viva.

Josué de Castro nasceu no Recife em 1908 e morreu no exílio em Paris em 1973. Num país em que todo menino da elite e da classe média quer ser médico, engenheiro ou advogado, o médico Josué quis ser geógrafo. Josué de Castro formou-se em medicina em 1929, na antiga Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mas já em 1933 é professor catedrático de geografia humana na Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais do Recife, onde esta disciplina lecionou-a até 1935. E em 1940 é professor catedrático de geografia humana na Faculdade Nacional de Filosofia, da mesma Universidade do Brasil, onde leciona até sua cassação pela ditadura militar em 1964, seguindo para o exílio em Paris, onde ficará até sua morte.

Após escrever importante ensaio sobre *O Problema da Alimentação no Brasil*, em 1933, chefia a comissão que investiga problemas de saúde e alimentares da população pobre de Recife, publicando em 1935 o clássico *Condições de Vida das Classes Operárias no Recife*, o primeiro trabalho de pesquisa dedicado a este tema no Brasil, que reúne junto a outros estudos no *Documentário do Nordeste*, edição da José Olímpio, de 1937. São textos que combinam o olhar do professor ao da realidade empírica que bem conhece como médico, a geografia servindo de soldagem. A partir daí, sucedem-se os livros, por meio dos quais a geografia brasileira irá ganhar extraordinária expressão internacional: *Geografia da Fome*, 1946 (Editora O Cruzeiro);

Geopolítica da Fome, 1951 (Editora Casa do Estudante do Brasil); *O Livro Negro da Fome*, 1957 (Editora Brasiliense); *Ensaio de Geografia Humana*, 1957 (Editora Brasiliense); *Ensaio de Biologia Social*, 1957 (Editora Brasiliense); *Sete Palcos de Terra e um Caixão, Ensaio de um Nordeste Explosivo*, 1957 (Editora Brasiliense). São livros traduzidos em todos os idiomas importantes. No Brasil, quase todos serão reeditados nos anos 50-60 pela Brasiliense, a editora do historiador Caio Prado Jr, este outro estudioso a quem a geografia brasileira deve imensamente. Recentemente, a *Geografia da Fome*, livro afortunado que já tivera uma reedição de 1981 prefaciada por Manuel Correia de Andrade, foi reeditada, com prefácio de Milton Santos.

O texto que selecionamos, para inaugurar esta nova seção da revista, dedicada aos clássicos da geografia brasileira, *Subdesenvolvimento: Causa Primeira de Poluição*, é o discurso que pronuncia no “Colóquio Sobre o Meio”, realizado em 1972 em Estocolmo e publicado em 1973, ano de sua morte, na revista O Correio, da UNESCO, órgão da ONU. O tempo é o da ameaça do uso das armas atômicas, então como arma de chantagem internacional como parte da política de bipolaridade entre os Estados Unidos e a União Soviética, militarização que aparece combinada às primeiras denúncias e debates sobre o meio ambiente. É o tempo em que o Clube de Roma e o M.I.T. falam de crescimento zero, como forma de conter e controlar os efeitos ambientais, advindos segundo eles de um rápido consumo dos recursos esgotáveis e não-renováveis, mas que Josué de Castro vê como mais uma armadilha contra os povos dos países subdesenvolvidos. E então questiona os seus relatórios seja pelo método e seja pelas proposições.

Voz presente em todos os debates dos problemas essenciais do mundo em todos os eventos em curso, Josué de Castro fala como um intelectual de altíssimo respeito internacional, fruto de uma seqüência de intervenções que remonta a 1939, ano de sua viagem como conferencista às Universidades de Roma e Nápoles, convidado a falar sobre *Os Problemas da Aclimação Humana nos Trópicos*, tema que amplamente retrata nos seus textos, iniciando uma trajetória que o levará à presidência da FAO (Food and Agriculture Organization), o organismo da ONU para a agricultura e a luta contra a fome, entre 1952 e 1956.

No texto que *GEOgraphia* oferece ao leitor, Josué de Castro externa uma concepção de problema ambiental e meio ambiente, entrelaçada ao problema imperial e da fome, bem como do modo adequado de sua gestão, que é hoje oportuníssimo, dado os imensos equívocos e visões distorcidas que acabaram por prevalecer sobre o tema com o tempo. Por isso mesmo, é um ótimo subsídio à intervenção pública elucidativa dos conceitos, que a geografia e os geógrafos desde esse tempo deviam vir fazendo.

(Ruy Moreira)